

DESLOCAMENTOS: PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA HISTÓRIA IMIGRACIONAL

*José Jobson de Andrade Arruda**

A expressão novo regime de temporalidade é uma paráfrase da expressão *mater* novo regime de historicidade urdida por François Hartog.¹ Fustigado pelo presentismo, isto é, a absorção crescente da temporalidade vivenciada pela humanidade neste momento, um presente onipresente, com vocação para o alargamento temporal na medida em que se expande em direção ao passado e rumo ao futuro, Hartog pensa em historicidades plurais. Nossa diferença em relação a essa concepção não é de natureza. É de ênfase. Ao estressar a temporalidade em lugar da historicidade, privilegamos a essência da história, que é a pluralidade de manifestações do tempo, condição incoercível da matéria histórica e da própria história concebida como ciência.²

A formulação-chave nesse momento é a de dialógica da transtemporalidade. Um diálogo cerrado e cruzado entre as várias dimensões do tempo em seus múltiplos sentidos, concepção fundamental para que se possa atingir a densa complexidade do acontecer histórico em todas as suas manifestações, das ritmações diferenciadas da temporalidade típicas do mundo das finanças à nebulosa das temporalidades inclusas nas representações sociais; da temporalidade típica das fixações populacionais no espaço urbano à de sua mobilidade através do espaço e, de modo mais específico, à complexificação temporal entranhada nos movimentos migracionais através da história, no sentido de que a compreensividade histórica desses deslocamentos, assumidos como mola-mestra da história, não se faz sem a necessária dialógica do tempo, na qual presente, passado e futuro se interpenetram.³

Objetivamente, ao pensarmos a história das imigrações portuguesas rumo ao Brasil nos séculos 19 e 20, temos que atentar permanentemente para a relação intrínseca entre esse momento cronologicamente delimitado e as temporalidades anteriores e

* Professor Associado da UNICAMP; Professor Titular da USP; Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade do Sagrado Coração, Bauru-SP.

¹ Cf. HARTOG, François. **Regime d'historicité**. Prentisme et expérience du temps. Paris: Seuil, 2003.

² Cf. ARRUDA, José Jobson de Andrade. Cultura histórica: territórios e temporalidades historiográficas. **Saeculum**, Revista de História, João Pessoa, v. 16, p. 25-31, jan./jun. 2007

³ Cf. ARRUDA, José Jobson de Andrade. Historiografia: memória crítica da produção histórica. In: FERLINI, Vera. (coord.). **Colóquio Internacional "Economia e Colonização na Dimensão do Império Português – historiografia e perspectivas de pesquisa**. São Paulo: EDUSP. (no prelo).

posteriores às quais estão inelutavelmente atrelados. Seja a especificidade dos movimentos migratórios encetados pelos portugueses nos séculos anteriores, especificamente a partir do século 15 quando se inicia a grande diáspora transoceânica, procurando encontrar aí heranças e inovações que permitam demarcar os momentos de corte na continuidade histórica e o consequente estabelecimento de uma renovada cronologização; seja, sobretudo, com referência aos fluxos contemporâneos das migrações portuguesas, envolvendo emigrações e remigrações, idas e vindas, que possam caracterizar certa tipicidade do movimento atual, configuradora de sua efetiva identidade histórica.

Por certo, a inquietação que move os historiadores enfronhados na história das migrações portuguesas oitocentistas e novecentistas não é impulsionada pelo saber possível que tais esforços conduziram no conhecimento das migrações passadas em si, se bem que isso possa ser parte da motivação. É em relação ao futuro da história imigracional portuguesa no mundo que se estabelece uma historicidade que tem valor histórico, induzindo-nos a perscrutar sobre o passado imediato e remoto dessa trajetória excepcional, consciência que nos impele a incorporar a transtemporalidade como recurso metodológico indescartável de procedimento investigativo e que, por seu turno, nos levaria à necessidade de refletir sobre as territorialidades historiográficas no âmbito da cultura histórica e, por decorrência, sobre o novo regime de temporalidade lastreado em Santo Agostinho,⁴ Heidegger⁵ e Paul Ricoeur⁶ em que ser e tempo se entrelaçam; história e tempo se fundem.

I. A validade histórica da futurologia

Se o livre pensar é só pensar, o exercício de futurologia é mera especulação, sem qualquer embalsamento científico que o possa fundamentar. Porém, se o exercício de reflexão sobre as possibilidades inscritas em cenários futuros for lastreado em experiências concretas do passado e tendências vibrantes no presente, o pensar deixa de ser puro pensar para se converter em um vaticínio que, se não confirmar integralmente

⁴ Santo Agostinho. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

⁵ HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

⁶ RICOEUR, Paul. **Temp et Récit**. Paris: Éditions du Seuil, 1985. p. 174. v. 3. (Le temps raconté); **La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli**. Paris: Le Seuil, 2000. p. I.

ou nem mesmo parcialmente, terá por certo influência sobre as decisões que os gestores públicos tomarão no presente e que, de alguma forma, terão impacto sobre o próprio presente e, por decorrência, sobre o futuro. Equivale dizer, o que pensarmos sobre o futuro o afeta, influencia o presente, além de reformatar as problemáticas que lançamos sobre o passado.

Não é preciso ser um Nostradamus para conjeturar sobre as linhas-mestras conducentes ao porvir, pois pensar o futuro é da própria natureza humana. Se, por exemplo, o descompasso entre ritmos e escalas produtivas e tecnológicas em relação aos níveis de crescimento demográfico em continentes extremos, como o africano, continuarem nos padrões com os quais tem se apresentado nos últimos séculos, o futuro é razoavelmente previsível.

Entre 1500 e 1870, a população africana passou de estimados 46 para 90 milhões de habitantes. Não chegou a dobrar em quase quatro séculos, apresentando taxas modestíssimas de crescimento em torno de 0,25% ao ano explicada, em larga medida, pelo esgotamento decorrente da imigração forçada que arrastava para o Novo Mundo uma parcela significativa da população em sua faixa etária mais reprodutiva. E isto em um momento em que a introdução de novos produtos alimentares oriundos da América estimulava a cadeia nutricional, funcionando como um amortecedor das tensões sociais, perfídias da história, pois os novos alimentos preservaram a reprodução da mão-de-obra e abasteceram o tráfico africano, mantendo em níveis rebaixados os índices de crescimento econômico, estimados em 0,15, entre 1500-1820; 0,75, entre 1820-1870; 1,32 entre, 1870-1913.

Tabela 1. Taxa de crescimento do PIB mundial: 20 países e totais regionais, 1-2003 (taxa média anual de crescimento)

	1-1000	1000-1500	1500-1820	1820-70	1870-1913	1913-50	1950-73	1973-2003
Áustria	0,03	0,31	0,33	1,45	2,41	0,25	5,35	2,39
Bélgica	0,02	0,40	0,41	2,24	2,02	1,03	4,08	20,7
Dinamarca	0,07	0,23	0,38	1,91	2,66	2,55	3,81	1,94
Finlândia	0,07	0,43	0,60	1,58	2,74	2,69	4,94	2,44
França	0,02	0,28	0,37	1,43	1,63	1,15	5,05	2,20
Alemanha	0,02	0,35	0,37	2,00	2,81	0,30	5,68	1,72
Itália	-0,11	0,33	0,21	1,24	1,94	1,49	5,64	2,17
Países Baixos	0,04	0,35	0,56	1,70	2,16	2,43	4,74	2,31
Noruega	0,07	0,17	0,45	2,25	2,19	2,98	4,12	3,29
Suécia	0,07	0,17	0,66	1,62	2,17	2,74	3,73	1,90
Suíça	0,00	0,24	0,52	1,91	2,55	2,60	4,51	1,14
Reino Unido	0,09	0,25	0,80	2,05	1,90	1,19	2,93	2,15
Total de 12 países	-0,03	0,31	0,41	1,75	2,13	1,16	4,65	2,05
Portugal	0,03	0,17	0,51	0,66	1,34	2,35	5,73	2,79
Espanha	0,00	0,18	0,32	0,93	1,77	1,06	6,60	3,19
Outro	-0,09	0,05	0,38	1,62	2,29	2,45	5,56	3,47
Total Europa Ocidental	-0,03	0,28	0,40	1,68	2,11	1,19	4,79	2,19
Europa Oriental	0,03	0,19	0,41	1,41	2,33	0,86	4,86	1,19
Países da ex-URSS	0,06	0,22	0,47	1,61	2,40	2,15	4,84	0,09
Estados Unidos	0,06	0,09	0,86	4,20	3,94	2,84	3,93	2,94
Canadá, Austrália e Nova Zelândia	0,03	0,07	0,34	5,39	3,81	2,76	4,75	3,03
Total	0,05	0,08	0,78	4,31	3,92	2,83	4,03	2,95
México	0,07	0,11	0,14	0,44	3,38	2,62	6,38	3,30
Outros países da América Latina	0,07	0,08	0,28	1,52	3,56	3,57	5,17	2,59
Total América Latina	0,07	0,09	0,22	1,22	3,52	3,39	5,39	2,75
Japão	0,10	0,18	0,31	0,41	2,44	2,21	9,29	2,62
China	0,00	0,17	0,41	-0,37	0,56	-0,02	4,92	7,34
Índia	0,00	0,12	0,19	0,38	0,97	0,23	3,54	5,20
Outros países do Leste da Ásia	0,06	0,17	0,18	0,76	1,97	2,01	5,28	5,28
Oeste da Ásia	0,02	-0,03	0,12	0,78	1,38	2,64	7,39	3,35
Total da Ásia (excl. Japão)	0,01	0,13	0,29	0,04	0,98	0,82	5,13	5,71
África	0,05	0,07	0,15	0,75	1,32	2,57	4,43	2,97
Mundo	0,01	0,15	0,32	0,94	2,12	1,82	4,90	3,17

Fonte: MADDISON, Angus. *Contours of the World Economy, 1-2030 AD*. Essays in Macro-economic History. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 380.

Mas a estabilidade populacional alcançada em três séculos de sangramento forçado da população africana inverteu-se no século 20. De 124 milhões de indivíduos em 1913, passou para 228 em 1950, 390 em 1973 e mais do que dobrou entre 1973 e 2003, quando atingiu a cifra de 853 milhões de pessoas, número que em 2009 beira a um bilhão de indivíduos, ou seja, o continente africano ingressou na faixa dos bilionários populacionais, sem o potencial de crescimento econômico de seus confrades, a Índia e a China.

Tabela 2. População mundial: 20 países e totais regionais, 1-2003

	1	1000	1500	1600	1700	1820	1870	1913	1950	1973	2003
Áustria	500	700	2.000	2.500	2.500	3.369	4.520	6.767	6.935	7.586	8.163
Bélgica	300	400	1.400	1.600	2.000	3.434	5.096	7.666	8.639	9.738	10.331
Dinamarca	180	360	600	650	700	1.155	1.888	2.983	4.271	5.022	5.394
Finlândia	20	40	300	400	400	1.169	1.754	30.27	4.009	4.666	5.204
França	5.000	6.500	15.000	18.500	21.471	31.250	38.440	41.463	41.829	52.157	60.181
Alemanha	3.000	3.500	12.000	16.00	15.000	24.905	39.231	65.058	68.375	78.950	82.398
Itália	8.000	5.000	10.500	13.100	13.300	20.176	27.888	37.248	47.105	54.797	57.998
Países Baixos	200	300	950	1.500	1.900	2.333	3.610	6.164	10.114	13.438	16.223
Noruega	100	200	300	400	500	970	1.735	2.447	3.265	3.961	4.555
Suécia	200	400	550	760	1.260	2.585	4.169	5.621	7.014	8.137	8.970
Suíça	300	300	650	1.000	1.200	1.986	2.655	3.864	4.694	6.441	7.408
Reino Unido	800	2.000	3.942	6.170	8.565	21.239	31.400	45.649	50.127	56.210	60.095
Total de 12 países	18.600	19.700	48.192	62.580	68.796	114.571	162.386	227.957	256.377	301.103	326.920
Portugal	400	600	1.000	1.100	2.000	3.297	4.327	5.972	8.443	8.973	10.480
Espanha	3.750	4.000	6.800	8.240	8.770	12.203	16.201	20.263	28.063	34.837	40.217
Outro	2.300	1.260	1.340	1.858	1.894	2.969	4.590	6.783	12.058	13.909	16.987
Total Europa Ocidental	25.050	25.560	57.332	73.788	81.460	133.040	187.504	260.975	304.941	358.825	394.604
Europa Oriental	4.750	6.500	13.500	16.950	18.800	36.457	53.557	79.530	87.637	110.418	121.434
Países da ex-URSS	3.900	7.100	16.950	20.700	26.550	54.765	88.672	156.192	179.571	249.712	287.601
Estados Unidos	680	1.300	2.000	1.500	1.000	9.981	40.241	97.606	152.271	211.909	290.343
Canadá, Austrália e Nova Zelândia	440	570	800	800	750	1.250	5.847	13.795	24.186	38.932	55.890
Total	1.120	1.870	2.800	2.300	1.750	11.231	46.088	111.401	176.457	250.841	346.233
México	2.200	4.500	7.500	2.500	4.500	6.587	9.219	14.970	28.485	57.557	103.718
Outros países da América Latina	3.400	6.900	10.000	6.100	7.550	15.004	31.180	65.965	137.453	250.316	437.641
Total América Latina	5.600	11.400	17.500	8.600	12.050	21.591	40.399	80.935	165.938	307.873	541.359
Japão	3.000	7.500	15.400	18.500	27.000	31.000	34.437	51.672	83.805	108.707	127.214
China	59.600	59.000	103.000	160.000	138.000	381.000	358.000	437.140	546.815	881.940	1.288.400
Índia	75.000	75.000	110.000	135.000	165.000	209.000	253.000	303.700	359.000	580.000	1.049.700
Outros países do Leste da Ásia	11.400	21.100	37.600	43.600	50.700	64.228	89.506	145.893	333.310	565.057	1.018.844
Oeste da Ásia	19.400	20.00	17.800	21.400	20.800	25.147	30.290	38.956	59.847	112.918	249.809
Total da Ásia (excl. Japão)	165.400	175.100	268.400	360.000	374.500	679.375	730.796	925.689	1.298.972	2.139.915	3.606.753
África	17.000	32.300	46.610	55.320	61.080	74.236	90.466	124.697	228.181	390.202	853.422
Mundo	225.820	267.330	438.492	556.148	603.190	1.041.695	1.271.919	1.191.091	2.525.502	3.916.493	6.278.620

Fonte: MADDISON, Angus. *Contours of the World Economy, 1-2030 AD*. Essays in Macro-economic History. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 376.

Esse salto gigantesco em termos populacionais não foi acompanhado por equivalente avanço em termos econômicos. A taxa de crescimento, que entre 1870-1913 alcançara 1,32, passou a 2,57 entre 1913-1950 e 4,43 entre 1950-1973, reduzindo-se desde então para 2,97 nos 30 anos que vão de 1973 a 2003. Portanto, uma tendência nefasta que não nos autoriza sequer falar de subdesenvolvimento, pois está plenamente caracterizada uma regressão econômica, cenário perigoso, socialmente explosivo, combinando o pior dos mundos: altas taxas de crescimento populacional com involução econômica, que se traduzirão em tensões, conflitos, chacinas, guerras e, certamente, em uma pressão imigracional irrefreável que a transformará numa das molas-mestras da história futura da primeira metade do século 21. É claro, sempre haverá lugar para o imprevisto. Epidemias avassaladoras, desastres climáticos, hecatombes tectônicas poderão transmutar a prefiguração que se visualiza.

Mas, como já o dissemos à saciedade, as prefigurações, mesmo que não se confirmem, agem sobre a história, impactam o presente e seu futuro imediato. Não há como fugir a um certo malthusianismo nos argumentos perfilhados, pois as teses de Malthus⁷ focavam a inadequação entre a limitação dos recursos naturais e a espiral demográfica, que o levava a prever catástrofes incontroláveis, somente contidas por seu próprio ciclo regenerador, uma vez que fomes, endemias, mortalidade, apontavam para a regeneração do equilíbrio homem/natureza. É óbvio que faltavam elementos imprevistos no esquema analítico de Malthus, tais como progresso técnico, inovação, formação de capital ou ganhos resultantes da especialização internacional da produção no mundo globalizado. De nenhuma forma os alimentos transgênicos poderiam fazer parte de suas fantasias mais extravagantes, mas eles podem, para o bem ou para o mal, produzir alterações significativas no cenário previsto.

Se o quadro por ele pensado não se confirmou na Inglaterra, pois na atualidade apenas 1,2% de sua população milita na agricultura e a expectativa de vida é de 78 anos, aplica-se perfeitamente à África, onde a miséria humana vaticinada para a Inglaterra vitoriana se instalou. Para que o equilíbrio social fosse atingido na Inglaterra, quantos milhões de ingleses, irlandeses, escoceses, tiveram que imigrar? As interpretações de Malthus nada tiveram a ver com esses deslocamentos populacionais massivos

⁷ MALTHUS, Thomas Robert. **Ensaio sobre o princípio da população**. Portugal: Europa-América, 1999.

impulsionados pela forças de repulsão, da miserabilidade crescente, independentemente das forças de atração simbolizadas no sonho americano? Foi reduzida a importância de suas ideias sobre o controle da natalidade, o *birth control*, como forma de contenção do ritmo de crescimento demográfico e redução da indigência social? Apesar de formuladas a partir da experiência histórica da Inglaterra, em nada afetaram as políticas sociais nos países da Europa Ocidental, particularmente, Holanda, Alemanha e mesmo França? Sua defesa do celibato virtuoso, da restrição do casamento àqueles que pudessem prover o necessário sustento à sua prole, a busca da redução da fecundidade por meio do recurso da contracepção, da esterilização e, no limite, do aborto, tiveram consequências insignificantes sobre a moral, a ética e até mesmo às concepções e aos regramentos religiosos?

O mesmo pode-se dizer do contributo intelectual de Jevons.⁸ Suas reflexões sobre os limites da produção energética na Inglaterra o levaram a prever um horizonte traumático para os britânicos na segunda metade do século 19, exatamente quando o Império vivia seu apogeu, preconizando que a maior parcela das novas gerações teria que optar entre viver na pobreza ou deixar o país em massa, apontando como destinos prioritários a Austrália e os Estados Unidos. Suas concepções pessimistas não se cumpriram plenamente, mas têm tudo a ver não apenas com as políticas imigratórias para esses dois destinos eleitos pelos ingleses, mas também com a opção por uma política imperialista como forma de extravasamento do excedente de mão-de-obra, que aliviaria tensões sociais.

II. O futuro 2030 como imaginário do possível

Uma quarta guerra mundial ou a primeira guerra globalizada está absolutamente fora de cogitação? Não está. Uma pandemia devastadora nos termos do impacto populacional da peste negra está completamente eliminada dos prognósticos? Não está. Um desastre meio ambiental de vastas proporções é impossível? Não é. Um deslocamento súbito das placas tectônicas disparando *tsunamis*, terremotos, erupções vulcânicas não pode ocorrer? Pode. Um meteoro de vastas proporções pode se projetar sobre nosso planeta eliminando a vida da face da Terra? Sim, pode.

⁸ JEVONS, William Stanley. **A teoria da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

Equivale dizer que interferências supervenientes podem se imiscuir no cenário que doravante delineamos, pensando as tendências das trajetórias populacionais do mundo e seu corolário indescartável, as taxas de crescimento econômico, como elementos capazes de explicar os movimentos populacionais na primeira metade do século 21.

Entre 1820 e 2003, a população mundial multiplicou-se por seis e a renda *per capita* cresceu dez vezes, revelando uma prosperidade crescente em termos gerais, apesar dos bolsões de miséria, como já foi apontado no caso africano, um exemplo constrangedor do crescimento desigual.

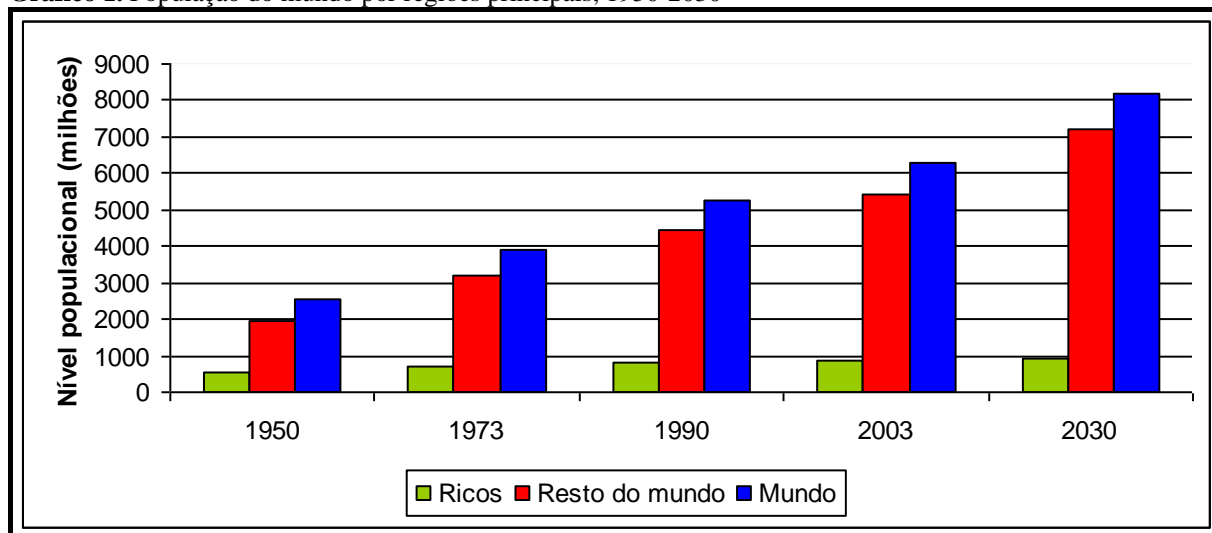
Projeta-se o crescimento da expectativa de vida em todas as regiões do planeta, apesar da queda da taxa de nascimentos. Para a região subsaariana da África, a taxa prevista do crescimento da expectativa de vida gira em torno de 20%, portanto, muito mais elevada do que nos países ricos ou em fase de crescimento, números esses que influenciarão decisivamente os índices imigratórios. Para os Estados Unidos, em 2003, imigraram 3,5 indivíduos para cada mil habitantes, prevendo-se uma redução da taxa para 3,4 em 2030. Índices mais elevados são esperados para Austrália, Canadá e Nova Zelândia. A Europa Ocidental, cujo referente migracional foi de 1,9 em 2003, reduzirá para 1,7 em 2030. A América Latina passaria de 1,6 em 2003 para 0,6 em 2030. Cairia o *ratio* também na África, *vis-à-vis* o incremento populacional, reduzindo-se de 0,4, em 2003, para 0,3, em 2030. O mesmo vale para a China, que cairia de 0,4 para 0,2 entre 2003 e 2030, conforme Tabelas 3 e 4.

Tabela 3. População do mundo por regiões principais, 1950-2030

	Nível populacional (milhões)					Taxa média anual de mudança	
	1950	1973	1990	2003	2030	1990-2003	2003-2030
Oeste europeu	305	359	378	395	400	0,33	0,05
Estados Unidos	152	212	250	290	364	1,15	0,84
Canadá, Austrália e Nova Zelândia	24	39	48	56	67	1,15	0,70
Japão	84	109	124	127	116	0,23	-0,33
Ricos	565	718	800	868	947	0,63	0,32
Leste europeu	88	110	122	121	115	-0,02	-0,21
Rússia	102	133	148	145	126	-0,18	-0,49
Outros países da ex-URSS	78	117	141	143	161	0,13	0,43
América Latina e Caribe	166	308	442	541	702	1,58	0,97
China	547	882	1.135	1.288	1.458	0,98	0,46
Índia	359	580	839	1.050	1.421	1,74	1,13
Outros países asiáticos	393	678	1.007	1.269	1.795	1,79	1,29
África	228	390	625	853	1.449	2,43	1,98
Resto do mundo	1.960	3.198	4.458	5.411	7.227	1,50	1,08
Mundo	2.526	3.916	5.257	6.279	8.175	1,37	0,98

Fonte: O site de Maddison (www.ggd.net/Maddison) mostra detalhes dos componentes anuais dos 224 países de 1950 até a “média variante” da Divisão Populacional das Nações Unidas, *World Population Prospects, 2004 Revision*, New York, 2005.

Gráfico 1. População do mundo por regiões principais, 1950-2030



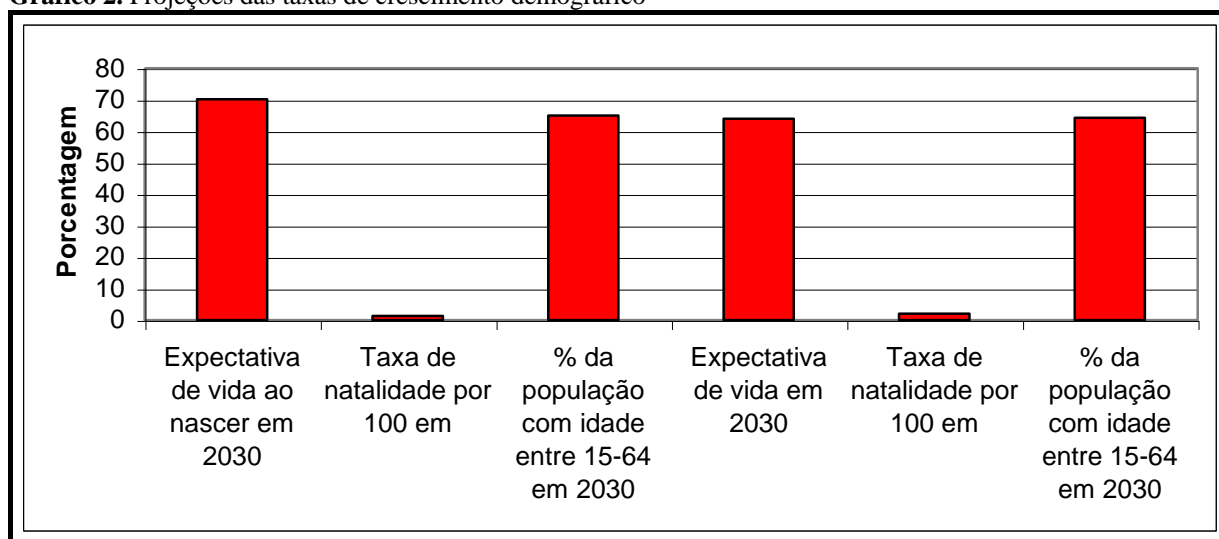
Nota: Gráfico elaborado pelo autor.

Tabela 4. Projeções das taxas de crescimento demográfico

	Expectativa de vida ao nascer em 2030	Taxa de natalidade por 100 em 2030	% da população com idade entre 15-64 em 2030	Expectativa de vida em 2030	Taxa de natalidade por 100 em 2030	% da população com idade entre 15-64 em 2030
Oeste europeu	81,9	0,90	61,1	78,8	1,03	66,7
Estados Unidos	81,2	1,36	60,7	77,1	1,41	66,7
Japão	83,1	0,78	59,2	80,9	0,96	67,0
Leste europeu	78,9	0,82	64,4	73,7	1,01	69,1
Rússia	71,7	0,81	64,3	66,4	0,94	71,0
Países da ex-URSS	73,0	1,12	64,9	65,8	1,26	68,3
Estônia, Letônia e Lituânia	78,0	0,75	63,3	71,8	0,87	68,1
China	78,0	0,99	66,9	71,6	1,30	69,6
Índia	72,3	1,57	67,7	63,6	2,33	63,1
Total Ásia	73,9	1,42	66,8	66,5	1,95	65,3
América Latina e Caribe	77,4	1,41	66,7	71,9	2,04	63,9
Norte da África	77,4	1,48	68,1	71,1	2,25	62,8
África subsaariana	57,4	2,95	59,1	48,0	3,93	53,7
Total África	59,1	2,73	60,5	50,6	3,63	55,3
Mundo	70,2	1,36	65,0	64,0	2,05	64,3

Fonte: www.census.gov/ipc.

Gráfico 2. Projeções das taxas de crescimento demográfico



Nota: Gráfico elaborado pelo autor.

A capacidade de retenção populacional será uma das marcas distintivas da China no século 21 em função de seu acelerado desenvolvimento econômico. Apesar da enorme massa populacional, não se transformará em produtor de imigrantes, mesmo considerando-se a hipótese de desaceleração econômica nas próximas décadas, o que será inevitável em face da impossibilidade manter o rígido controle populacional e integrar a vasta massa rural nos padrões de riqueza *per capita* urbanos, prevendo-se que em 2030 alcançará o índice atingido pela Europa Ocidental em 1990.

Puxado pela China, pelo Japão e Tigres, a participação do bloco asiático ultrapassará em 50% o PIB mundial no ano de 2030, contra 33% da Europa Ocidental e dos Estados Unidos (e ramificações: Canadá, Austrália e Nova Zelândia).

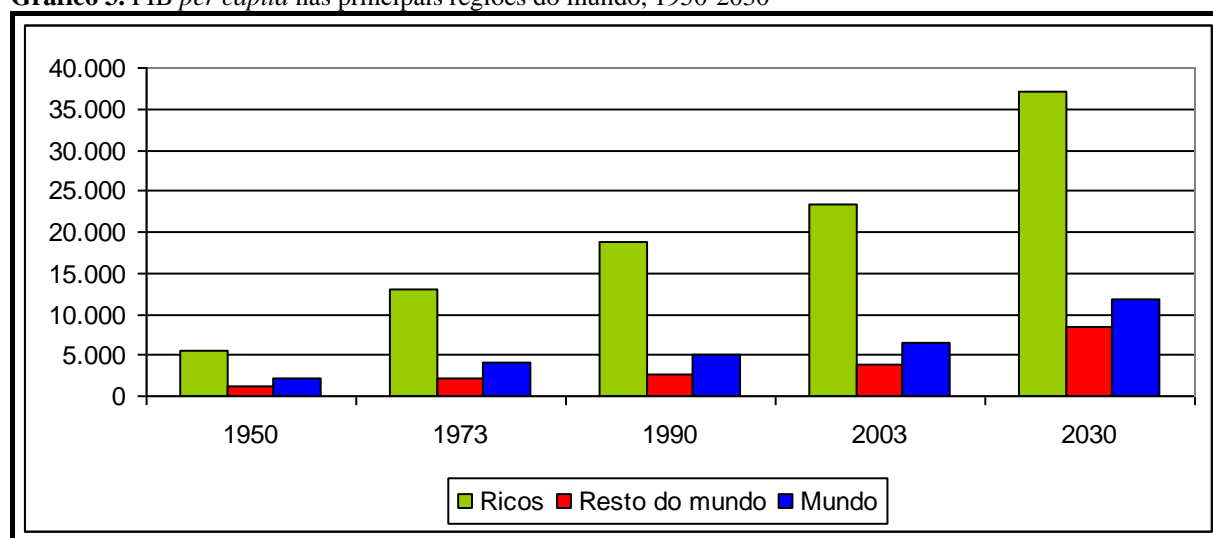
Tabela 5. PIB *per capita* nas principais regiões do mundo, 1950-2030

	Nível internacional em 1990 PPP* \$					Taxa média anual de mudança	
	1950	1973	1990	2003	2030	1990-2003	2003-30
Oeste europeu	4.578	11.417	15.965	19.912	31.389	1,71	1,7
Estados Unidos	9.561	16.689	23.201	29.037	45.774	1,74	1,7
Canadá, Austrália e Nova Zelândia	7.424	13.399	17.902	22.853	36.025	1,90	1,7
Japão	1.921	11.434	18.789	21.218	30.072	0,94	1,3
Ricos	5.648	13.082	18.781	23.345	37.086	1,69	1,73
Leste europeu	2.111	4.988	5.440	6.476	11.054	1,35	2,0
Rússia	3.086	6.582	7.779	6.323	16.007	-1,58	3,5
Países formadores da ex-URSS	2.520	5.468	5.954	4.461	7.614	-2,20	2,0
América Latina e Caribe	2.503	4.513	5.072	5.786	8.648	1,02	1,5
China	448	838	1.871	4.803	15.763	7,52	4,5
Índia	619	853	1.309	2.160	7.089	3,93	4,5
Outros países asiáticos	924	2.046	3.078	4.257	8.292	2,53	2,5
África	890	1.410	1.449	1.549	2.027	0,52	1,0
Resto do mundo	1.094	2.072	2.718	3.816	8.504	2,64	3,01
Mundo	2.113	4.091	5.162	6.516	11.814	1,81	2,23

Fonte: MADDISON, Angus. **Contours of the World Economy, 1-2030 AD.** Essays in Macro-economic History. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 337.

* Paridade do poder de compra em 1990 por Geary-Khamis.

Gráfico 3. PIB *per capita* nas principais regiões do mundo, 1950-2030



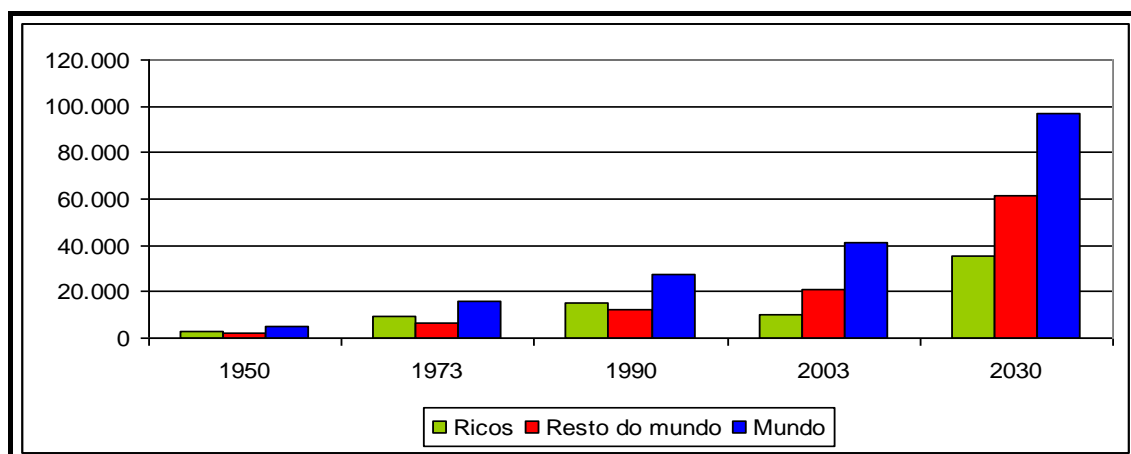
Nota: Gráfico elaborado pelo autor.

Tabela 6. Crescimento do PIB: nas principais regiões do mundo, 1950-2030

	Nível internacional em 1990 PPP \$					Taxa média anual de mudança	
	1950	1973	1990	2003	2030	1990-2003	2003-30
Oeste europeu	1.396	4.097	6.033	7.857	12.556	2,05	1,75
Estados Unidos	1.456	3.537	5.803	8.431	16.662	2,91	2,56
Canadá, Austrália e Nova Zelândia	180	522	862	1.277	2.414	3,07	2,39
Japão	161	1.243	2.321	2.699	3.488	1,17	0,95
Ricos	3.193	9.398	15.020	10.265	35.120	2,33	2,06
Leste europeu	185	551	663	786	1.269	1,33	1,79
Rússia	315	872	1.151	914	2.017	-1,76	2,98
Países formadores da ex-URSS	199	641	837	638	1.222	-2,17	2,43
América Latina e Caribe	416	1.389	2.240	3.132	6.074	2,61	2,48
China	245	739	2.124	6.188	22.983	8,56	4,98
Índia	222	495	1.098	2.267	10.74	5,73	5,68
Outros países asiáticos	363	1.387	3.099	5.401	14.884	4,36	3,83
África	203	550	905	1.322	2.937	2,96	3,00
Resto do mundo	2.144	6.625	12.117	20.649	61.460	4,19	4,12
Mundo	5.337	16.022	27.136	40.913	96.580	3,21	3,23

Fonte: MADDISON, Angus. *Contours of the World Economy, 1-2030 AD*. Essays in Macro-economic History. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 337.

Gráfico 4. Crescimento do PIB: o mundo e principais regiões, 1950-2030



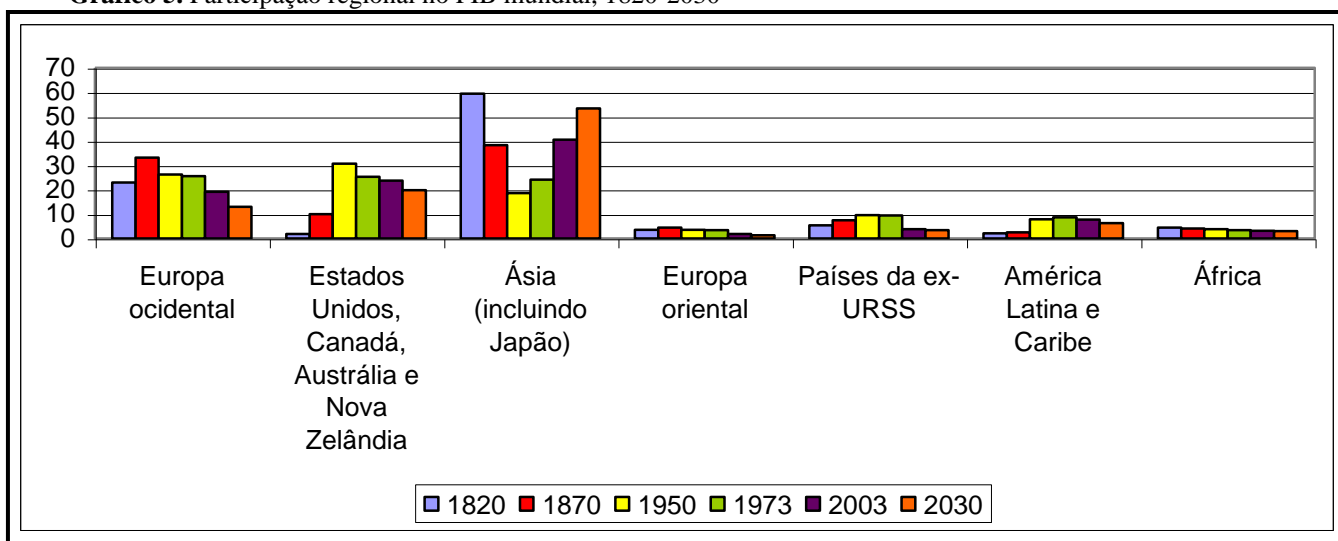
Nota: Gráfico elaborado pelo autor.

Tabela 5. Participação regional no PIB mundial, 1820-2030

	1820	1870	1950	1973	2003	2030
Europa ocidental	23,0	33,1	26,2	25,6	19,2	13,0
Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia	1,9	10,0	30,7	25,3	23,7	19,8
Ásia (incluindo Japão)	59,4	38,3	18,6	24,1	40,5	53,3
Europa oriental	3,6	4,5	3,5	3,4	1,9	1,3
Países da ex-URSS	5,4	7,5	9,6	9,4	3,8	3,4
América Latina e Caribe	2,1	2,5	7,8	8,7	7,7	6,3
África	4,5	4,1	3,8	3,4	3,2	3,0

Fonte: MADDISON, Angus. *Contours of the World Economy, 1-2030 AD*. Essays in Macro-economic History. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 340.

Gráfico 5. Participação regional no PIB mundial, 1820-2030



Nota: Gráfico elaborado pelo autor.

É óbvio que o componente fundamental desses cenários é a intensidade da depressão econômica iniciada com a crise de 2008. Seu prolongamento promoverá o aperto da política fiscal e monetária nos países majoritários e, conseqüentemente, freará a tendência ao multipolarismo. Nesse contexto, a incerteza sobre as possibilidades de o mercado livre providenciar o aprovisionamento de alimentos e matérias-primas indispensáveis à sobrevivência humana reacenderia a velha chama da *strategic rivalries*.⁹

III. A mobilidade humana em causa

A mobilidade é um dos princípios fundamentais do pleno exercício da liberdade, consagrado como um dos direitos inalienáveis do ser humano, legitimado por todas as declarações de direitos havidas até aqui,¹⁰ exatamente o princípio que será posto à prova nas próximas décadas.

Na contramão da tão propalada globalização, os deslocamentos populacionais não cresceram em termos relativos nos últimos 50 anos, permanecendo na casa dos 3% da população total mundial. Isto é o que se pode deprender do Relatório 2009 do PNUD, Programa da ONU para o Desenvolvimento, que estima em 214 milhões de

⁹ Cf. O'ROURKE, Kevin H. "Power and plenty in 2030". Paper presented at the World Economy in 2030, August 4, 2009. p. 17. Utrecht. XV International Congress of Economic History. **Annals**.

¹⁰ Cf. HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**. Uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

migrantes no cenário mundial, incluindo aqueles de situação irregular, metade dos quais vivendo nos países desenvolvidos, na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), Europa Ocidental e em alguns bolsões receptivos da Ásia, no golfo Pérsico, em Hong Kong e Coreia do Sul.

Os números relativos às migrações internas ritmam uma tendência que terá importância crescente nos estudos populacionais. Em 2009, dos 26,3 milhões de migrantes da América do Sul, 19,7 dirigiram-se para a América do Norte, sobretudo Estados Unidos e Canadá, enquanto 3,5 circularam internamente entre os países do continente. Dentre os 48,2 milhões de emigrantes da Europa Ocidental, a grande maioria, 31,5 milhões, deslocou-se internamente entre os países da União Europeia, enquanto 16,7 milhões repartiam-se entre dois destinos antípodas, a América do Norte, o Leste Europeu e a Austrália. Do continente asiático partiram em direção ao Ocidente 25,3 milhões, 9,6 apenas para os Estados Unidos, número total inferior aos 35,5 milhões que giraram internamente. Do continente africano saíram em direção à Europa 7,3 milhões e quase o dobro, 13,2 milhões, moveram-se internamente. Em suma, constata-se que as migrações internas superaram as imigrações externas, tendo por referência os grandes blocos continentais.¹¹

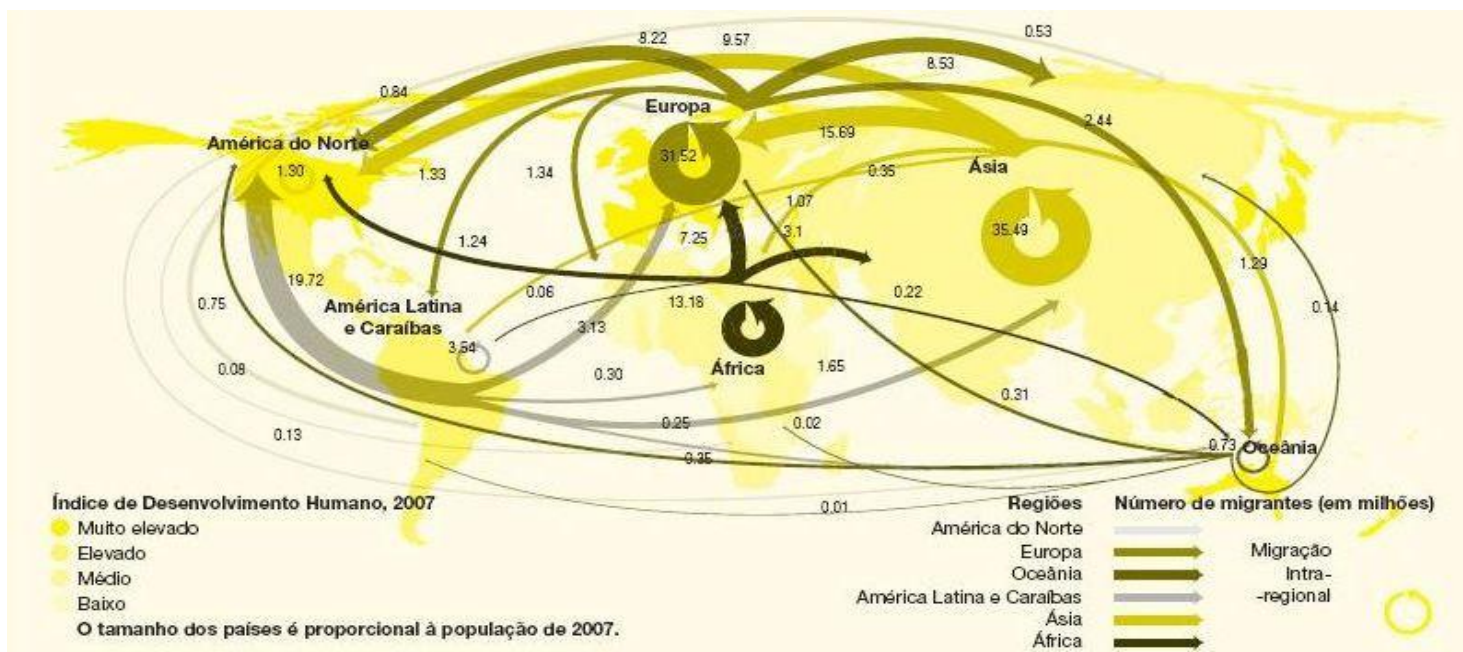


Figura 1 – Principais fluxos internacionais de migração

Fonte: UNDP. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2009**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 24.

¹¹ UNDP. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2009**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 24.

O destino preferencial do fluxo emigratório visa aos Estados Unidos, preservando-se a característica dominante do fenômeno imigracional consolidado nos séculos 19 e 20. Não obstante, mudanças significativas podem ser vislumbradas se perscrutarmos sobre as tendências previsíveis para 2030. Referenciando-se no ano de 2004, quando a composição da imigração para os Estados Unidos era de 45% dos indivíduos originários da América Latina e Caribe, 53% da Ásia, África do Norte e Oriente Médio, 6% da região subsaariana, estima-se que, no ano de 2030, os índices respectivos viriam a ser de 36%, 53%, 11%. Portanto, “the most striking change is the rise in share from sub-Saharan Africa from 6 to 11 percent, a significant increase in the black Africa share. In short, US immigrants will be more African and less Hispanic twenty to twenty-five years for now”¹²

Um dos fatores centrais na determinação da mobilidade humana no século 21 serão os problemas meio ambientais.¹³ Não as alterações climáticas geradas pelo processo natural, mas aquelas geradas pelo aquecimento global, produzido pela ação humana, diretamente relacionadas à sua expansão numérica pelo planeta, altamente dependente da taxa de fecundidade, como se pode depreender do Relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA).¹⁴

Os números são eloquentes, mas previsíveis. As menores taxas de fecundidade encontram-se em países desenvolvidos ou em fase de desenvolvimento: Hong Kong 1,01; Coreia do Sul 1,22; Malta 1,25; Japão 1,26; Polônia 1,27; Brasil 1,83. As maiores taxas, portanto, as piores taxas, surgem nos países menos dotados em relação aos recursos naturais ou tecnológicos, em suma, os ditos países pobres que, sabidamente, se alojam no continente africano e asiático, a saber: na Oceania, Timor Leste 6,38; na Ásia, Afeganistão 6,51; na África, Uganda 6,25, Somália 6,35, Níger 7,07. Todos eles muito acima da média mundial definida em 2,54. É significativo que na América Latina não se encontre qualquer dos extremos, com destaque para o Brasil, cuja taxa de fecundidade

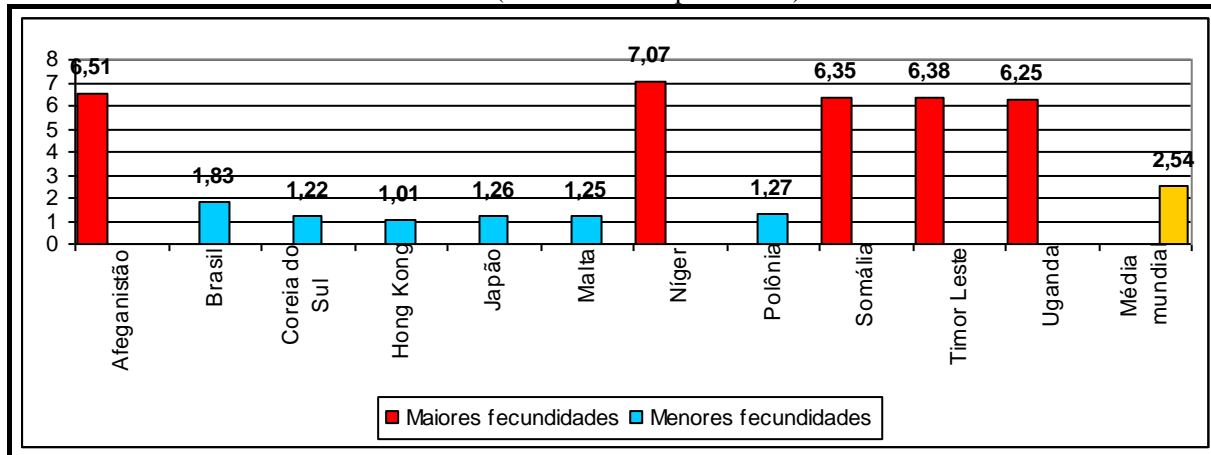
¹² Cf. HATTON, Timothy J.; WILLIAMSON, Jeffrey G. “Will Third World emigration rates to the United States drop off bay 2030?” Paper presented at the World Economy in 2030, August 4, 2009. p. 28. Utrecht. XV International Congress of Economic History. **Annals**.

¹³ “The benign effects of the demographic transition which is underway look set to be swamped by the extremely alarming consequences of global warming, which may turn to be the dominant security threat over the coming century”. Cf. O’ROURKE, op. cit., p. 8.

¹⁴ UNFPA. **Relatório sobre a Situação da População Mundial 2009**. Brasília: UNFPA, 2009. p. 109.

se aproxima dos países desenvolvidos, nas quais quanto maior for a renda *per capita* menor é o número de nascituros.

Gráfico 6 – Taxas de fecundidade do mundo (média de filhos por mulher)



Nota: Gráfico elaborado pelo autor com base no **Relatório de Desenvolvimento Humano 2009**.

Em função dessas taxas de fecundidade pode-se prever o futuro da população mundial a partir de sua composição atual, isto é, no ano de 2009:

Tabela 6. Países mais populosos em milhões de habitantes

2009		2050	
China	1,346	Índia	1,614
Índia	1,198	China	1,417
EUA	0,315	EUA	0,404
Indonésia	0,230	Paquistão	0,335
Brasil	0,194	Nigéria	0,289
Paquistão	0,181	Indonésia	0,288
Bangladesh	0,162	Bangladesh	0,223
Nigéria	0,155	Brasil	0,219
Rússia	0,141	Etiópia	0,174
Japão	0,127	Filipinas	0,146
México	0,110	Egito	0,130
Filipinas	0,092	México	0,129
Vietnã	0,088	Rússia	0,116
Egito	0,083	Vietnã	0,112
Etiópia	0,083	Tanzânia	0,110

Fonte: UNFPA. **Relatório sobre a Situação da População Mundial 2009**. Brasília: UNFPA, 2009. p. 109.

Mantidas as tendências atuais, a grande alteração no horizonte do quadro populacional em 2050 será a Índia assumir o lugar da China como a nação mais populosa do planeta. Inquestionavelmente, tais projeções decorrem do controle de natalidade inexistente na Índia e rigoroso na China, mesmo prevendo-se, como já o fizemos, que o controle chinês tenderá a ser amenizado por força da pressão social em

função das condições oferecidas pelo crescimento econômico acelerado. Dramático será, sem dúvida, o caso do Paquistão, uma bomba relógio no cenário internacional, pois sua população praticamente dobrará nos próximos 41 anos e as perspectivas de crescimento econômico são modestas em relação à sua irmã siamesa, a Índia.

Esse cenário é catastrófico e poderá estimular o retorno de um novo *birth control*, preconizado no malthusianismo, sobretudo pelas relações que atualmente se estabelecem entre os números da população mundial e o aquecimento global, pois quanto mais reduzida for a população, menor será a produção de CO₂ *per capita* e, portanto, do aquecimento global, que terá forte impacto sobre as migrações mundiais. A relação entre essas previsões e as decisões políticas a serem adotadas pelos poderes nacionais e organismos internacionais é mais do que evidente.

IV. O futuro, o presente e o passado da história migracional

De que forma, as conjecturas realizadas sobre as tendências futuras do fluxo emigracional podem afetar as políticas públicas no tempo presente e reconfigurar a problematização do passado a partir de novos temas, objetos e abordagens. Eis a questão fulcral que nos move nesta reflexão.

Sabemos que ao arrastar o passado para o presente, selecionamos aquilo que, no passado, fala mais alto aos homens do presente e, ao fazê-lo, o trazemos transformado de modo a torná-lo palatável, apreensível aos homens do presente. Da mesma forma, o futuro como temporalidade inescapável à produção do conhecimento histórico se expressa nas prefigurações futuristas, imagens essas que não operam no vazio. Sustentam-se nas tendências de longo curso que se originam no passado e atravessam o tempo presente, sensivelmente alargado. Não são predições exatas por estarem sujeitas às contingências históricas. Como sismologistas, nunca acertamos o momento exato em que a ruptura tectônica ocorrerá, muito menos o nível da escala Richter de sua magnitude. Não obstante, a atenção aos indicadores que se acumularam nas experiências pregressas, aos sinais emitidos na história corrente captados pela sensibilidade, autoriza-nos a arquitetar cenários futuros.

Exercícios de reflexão têm se avolumado na atualidade, a exemplo do texto de Angus Maddison, que certamente influenciarão as agendas públicas, as decisões políticas concernente a um tema vital: o controle do ritmo de crescimento demográfico e dos fluxos migratórios, relações complexas que demarcam o horizonte de expectativa envolvendo segurança alimentar, preservação ambiental, corrida tecnológica, hegemonias políticas e militares. Os fluxos migratórios no século 19 partiam dos países do Primeiro Mundo europeu para o Novo Mundo. No século 20, do Terceiro Mundo para o Primeiro Mundo. Sentidos invertidos em escalas transcontinentais. No século 21, as políticas constritivas em curso tenderão a enfatizar os fluxos intra-regionais, na contramão da homologação plenária imposta pela globalização.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, José Jobson de Andrade. Cultura histórica: territórios e temporalidades historiográficas. **Saeculum**, Revista de História, João Pessoa, v. 16, p. 25-31, jan./jun. 2007.

_____. Historiografia: memória crítica da produção histórica. In: FERLINI, Vera. (coord.). **Colóquio Internacional “Economia e Colonização na Dimensão do Império Português – historiografia e perspectivas de pesquisa**. São Paulo: EDUSP. (no prelo).

HARTOG, François. **Regime d’historicité**. Preentisme et expérience du temps. Paris: Seuil, 2003.

HATTON, Timothy J.; WILLIAMSON, Jeffrey G. “Will Third World emigration rates to the United States drop off by 2030?” Paper presented at the World Economy in 2030, August 4, 2009. p. 28. Utrecht. XV International Congress of Economic History. **Annals**.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**. Uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JEVONS, William Stanley. **A teoria da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

MADDISON, Angus. **Contours of the World Economy, 1-2030 AD**. Essays in Macro-economic History. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. Disponível em: <<http://www.ggdc.net/Maddison>>.

MALTHUS, Thomas Robert. **Ensaio sobre o princípio da população**. Portugal: Europa-América, 1999.

O'ROURKE, Kevin H. "Power and plenty in 2030". Paper presented at the World Economy in 2030, August 4, 2009. p. 17. Utrecht. XV International Congress of Economic History. **Annals**.

RICOEUR, Paul. **Temp et Récit**. Paris: Éditions du Seuil, 1985. p. 174. v. 3. (Le temps raconté).

_____. **La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli**. Paris: Le Seuil, 2000.

SANTO Agostinho. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

UNDP. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2009**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

UNFPA. **Relatório sobre a Situação da População Mundial 2009**. Brasília: UNFPA, 2009.

US Census Bureau, Population Division. Disponível em: <http://www.census.gov/ipc/www/>.